

Indústria fluminense nada cresce em 1987

A economia fluminense teve crescimento zero este ano, depois de crescer 15% em 1986, acima da média nacional de 11%. Mesmo assim, o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, acha boas as perspectivas para 1988, com o início do pólo petroquímico, a viabilização da segunda usina da Companhia Siderúrgica Nacional e a encomenda pela Petrobrás de mais dez navios aos estaleiros.

O presidente do Sindicato da Indústria Química do Estado do Rio, Ricardo Lins de Barros, da Panamericana, duvida que o governador Moreira Franco consiga inaugurar o pólo petroquímico em seu governo, pois acha que a montagem levará mais de sete anos. Ele vê alguns problemas na consolidação do pólo: para movimentar uma milhão de toneladas/ano, principalmente de caminhão, entre Rio e São Paulo, haverá necessidade de investimento na infra-estrutura de Itaguaí (a Petrobrás queria o pólo em Duque de Caxias, revelou); e as empresas privadas estão acostumadas a gerir seus negócios em posição majoritária, o que dificulta as composições.

A Panamericana está investindo US\$ 23 milhões numa fábrica em Santa Cruz, para produtos como sacarina e esmalte; e negocia com a Carbocloro uma associação para pólo petroquímico.

Paulo Mário Freire, do grupo Severino Pereira, disse que estão adiantados os entendimentos com o governo do Estado, o BNDES e a Rede Ferroviária Federal S/A para tornar possível o escoamento da produção de cimento da região de Cantagalo.

Arthur João Donato, presidente do estaleiro Caneco, acrescentou que, se for aprovado o esquema de conversão da dívida externa acoplado à exportação de navios, a indústria naval poderá fechar em 1988 negócios da ordem de US\$ 1 bilhão. O Caneco assinou com a armadora alemã Hamburg Sud contrato de exportação de quatro navios, no valor de US\$ 88 milhões, prevendo a conversão. Além disso, a Petrobrás vai encomendar mais 10 navios, no valor de US\$ 530 milhões.

Levantamento realizado pela Firjan mostra que houve queda este ano nos setores de material de transporte (19,66%) e de vestuário, calçados e tecidos (11,95%), compensada por crescimento no setor de material elétrico e de comunicações (28,43%).